(ttWflk) Política \Ã) I 26/6/88, DOMINGO »3

1 , , _ ,— |

PSDB teme que Sarney o afaste da próxima eleição

josemar Gonçalves 0 novo partido já tem nome —
Partido da Social Democracia
Brasileira (PSDB) —, manifesto,
programa, estatuto e, se depender
da aclamação dos filiados, um can-
didato a presidente da República: o
senador Mário Covas, cujo nome
foi constantemente gritado tanto
nos corredores como no plenário da
Constituinte, onde se realizou o
congresso de fundação da sigla.
Mas o novo partido nasce também
com uma preocupação: se poderá
ou não participar das próximas
eleições municipais, já que o
projeto que regulamenta o pleito
ainda está nas mãos do presidente
Sarney, que poderá vetar ou não as
facilidades para a participação das
novas siglas.

A preocupação foi manifestada
durante o ato de fundação, mas o
deputado Saulo Queiroz (MS), que
foi designado para falar sobre o
assunto, disse que, numa análise
realista, considerava muito dificil o
veto. "A única hipótese de não
podermos participar — observou
Saulo — é a de haver veto
presidencial do artigo da lei que
criou facilidades para essa par-
ticipação. Mas eu estou convencido
— prosseguiu o parlamentar — de
que participaremos, porque não
vejo como se poderá assumir

politicamente um veto ao pleno
exercício da democracia, após a
força demonstrada no nascimento
do nosso partido".

Mil filiados

Afora essa preocupação, a
solenidade de criação da nova sigla
foi marcada por momentos festivos
e, pouco depois das 10 horas da
manhã, anunciava-se que o número
de filiados já chegara a 1.000
pessoas. Um dos momentos de
mais agitação foi quando uma das
filiadas resolveu entrar em plenário
com um tucano vivo (símbolo do
partido), que foi levado à Mesa
diretora mas, diante do assédio de
curiosos, foi logo retirado. O ex-
governador Franco Montoro, que
presidia a Mesa, lembrou que uma
das lutas do partido é a preser-
vação da natureza, e portanto o
tucano deveria ser retirado "para
ser preservado".

A nova sigla foi escolhida por
ampla maioria de votos: PSDB
teve 448 votos, contra 261 para a
outra-opção, que era PDP (Partido
Democrático Popula-). Pouco
depois, o deputado Nelton
Friedrich (PR) subiu á tribuna
para sugerir os ,11 nomes para a
Comissão Diretora Provisória do

partido, logo aprovados por
aclamação, a exemplo do
manifesto, programa e estatuto. O
senador Fernando Henrique Car-
doso, que integra a Comissão, con-
vocou imediatamente os demais
para uma reunião em seu gabinete
a fim de designar as funções de
cada um. Ficou decidido que
haverá um secretariado de assun-
tos regionais, para cuidar de todos
os interesses do partido, com a
seguinte coordenação: região Sul,
Mário Covas; região Sudeste,
Franco Montoro; Centro-Oeste,
José.Richa; Norte, Pimenta da
Veiga; Nordeste, Fernando
Henrique Cardoso. As demais
funções na Comissão são as
seguintes: secretário-geral,
Euclides S calco; tesoureiro-geral,
Jayme Santana; secretário de
assuntos sociais e sindicais,
Cristina Tavares; secretário de
assuntos internacionais, Moema
São Thiago; Assuntos
Económicos, Otávio Elísio, e
Assuntos Culturais, Arthur da
Távola. A presidência será
rotativa, ocupada a cada dois
meses por um representante, o
primeiro dos quais passa a ser o
senador Mário Covas. Seguem-se
José Richa, Franco Montoro,
Pimenta da Veiga e Fernando
Henrique Cardoso.

Manifesto condena corrupção impune
No seu primeiro manifesto à
Nação, divulgado ontem durante a
fundação da legenda, o PSDB
procura resgatar a bandeira das
mudanças sociais, uma das carac-
terísticas do PMDB até pouco
tempo atrás, partido que cedeu a
maioria dos deputados e senadores
à nova agremiação.
Em duas laudas e meia, o
documento do PSDB relaciona 24
princípios que promete defender a
fim de prosseguir a luta pelas
mudanças sociais e económicas no
País.
O manifesto faz apenas uma
referência ao Governo quando diz
que ele deixou de se constituir no
primeiro da Nova República para
se tornar o último da Velha
República. O texto não faz
qualquer alusão direta ao PMDB,
mas lembra que o povo brasileiro
permanece «descrente de partidos
políticos que não correspondem ao

Bisol adere como

o oitavo senador
O gaúcho José Paulo Bisol foi o
último senador peemedebista a
filiar-se ao novo partido, que pas-
sa a ter uma bancada de oito
representantes no Senado. A fi-
liação de Bisol, na manhã d e on-
tem, surpreendeu a maioria dos
fundadores do PSDB porque na
véspera ele já havia comunicado
que não entraria logo no partido,
preferindo avaliar durante algum
tempo, as consequências de seu
surgimento na política gaúcha.
Era tal a crença de que Bisol
não se filiaria que o ex-deputado
João Gilberto concedeu, horas an-
tes, uma entrevista a uma emis-
sora de Porto Alegre, falando das
dificuldades que teria para or-
ganizar o Partido no Rio Grande
do Sul, porque não contaria com o
apoio de nenhum congressista. Os
deputados Hermes Zanetti e
Vicente Bogo, que vinham conver-
sando com Bisol para tomar uma
decisão comum a respeito do
PSDB saíram de Brasília na manhã
de ontem, para pescar em Goiás,
sem saber que o senador havia
decidido rever a posição assumida
na véspera.
Os três — Bisol, Zanetti e Bogo
— estavam hesitantes em aderir
ao PSDB por temerem que a
médio prazo esse partido venha a
atrair políticos que pertenceram à
ARENA, antigos adversários,
como o senador Carlos Chiarelli e
o ex-presidente da Câmara, Nelson
Marchezan. Em 1982, Bisol foi
um enérgico opositor de uma
aliança entre o atual governador
Pedro Simon e Marchezan que
esperava, através dessa coligação,
eleger-se senador pelo PDS. Por
esse antagonismo recente, a even-
tual filiação de Marchezan ao
PSDB, tende a criar problemas de
convivência na secção gaúcha do
partido.
Imunidades
Os organizadores do PSDE
proclamam que o Partido será
imune ao adesismo e à fisiologia,
dos que estão apenas em busca de
poder, mas não recusam a filiação
de políticos de origem conser-
vadora que se mostrem capazes de
reciclar suas posições, ique seria o
caso de Chiarelli e Marchezan. O
que eles querem evitar, através de
instrumentos de controle incluídos
nos estatutos definitivos do Par-
tido, é a filiação de representan-
tes de oligarquias políticos mar-
cadamente de direita ou populis-
tas.

Em três casos, pelo menos,
foram evitadas adesões i indese-
jadas. Mesmo sem recorrer aos es-
tatutos, os fundadores do novo
partido desencorajaram a filiação
da pedessista Vilma Maia, do Rio
Grande do Norte, do ex-
governador de Alagoas, Fernando
Collor de Mello, e do ex-prefeito do
Recife, Joaquim Francisco.
Rejeitaram Wilma Maia com
receio de filiação dos senadores
Lavoisier e José Agripino Maia. A
aceitação de Wilma daria a im-
pressão de que os Maia estavam
pretendendo apenas colocar um
dos representantes da família no
novo partido. Fernando Collor não
desperta interesse no PSDB por
ser considerado populista e em
razão i do passado malufista.
(Joaquim Francisco não sofre
maiores resistências. O problema é
(sua base política em Pernambuco,
{considerada excessivamente con-
iservadora. (Marcondes Sampaio).

voto de confiança recebido pelo
eleitorado». Ele condena ainda o
fisiologismo político e a corrupção
impune.
Parlamentarismo
O PSDB já nasceu com uma
posição definida de defender a im-
plantação do sistema parlamen-
tarista no País. O regime de
gabinete é um dos pontos
programáticos do novo partido que
vai lutar para que daqui a quatro
anos o parlamentarismo seja
adotado através de um plebiscito,
conforme permite o texto cons-
titucional aprovado pela Consti-
tuinte.

O programa da legenda, como o
seu próprio nome indica, vai defen-
der a social democracia com o
crescimento económico com
distribuição de renda.
«O PSDB reconhece que a
propriedade privada dos meios de
produção constitui a base do

sistema económico brasileiro
devendo ser garantida na medida
em que atenda ao principio da sua
função social e se harmonize com a
valorização do trabalho e do
trabalhador», preconiza o
programa do novo partido.
Em relação á divida externa, o
manifesto é genérico. O documento
defende a investigação de suas
origens e consequências mediante
auditoria e a adoçáo de uma
estratégia compatível com a
manutenção da soberania nacional.
O PSD B prega ainda a
efetivação da reforma agrária
através de um plano agrícola
plurianual que combine
adequadamente os instrumentos
da tributação progressiva e da
desapropriação, i Outra preo-
cupação ó a de reorientar os ins-
trumentos de gestão da economia
visando a reduzir a inflação e- os
gastos públicos.

Josemar Gonçalves

ff55?

APmJt^W**

H«f*£p#

jjjJB&5

| Se .

Os integrantes do PSDB lotaram o plenário do Congresso

Meta é transformar o Brasil
Aclamado continuamente pelas
galerias e por grupos que se con-
centravam fora do plenário como
candidato à Presidência da Re-
pública, o senador Mário Covas
não chegou a empolgar em seu
discurso de encerramento do ato
de fundação do PSDB. Só
recebeu aplausos mais animados
quando criticou, como costuma
fazer sempre, a "obstinação" tdo
presidente Sarney em colocar
como principal meta a obtenção
dos cinco anos de mandato, de-
cididos pela Constituinte. Os
oradores que o antecederam
(senadores Fernando Henrique
Cardoso, José Richa e ex-
governador Franco Montoro) con-
seguiram empolgar mais, apesar
de nenhum deles ter sido acla-
mado como candidato a presidente
da República.
Para Fernando Henrique, com
o novo partido "nasce nova es-
perança" no país, com a defesa de
causas como a reforma agrária e a
distribuição i justa de renda.
"Vamos mudar o Brasil", con-
clamou o senador, frisando que o

novo partido não estava de "por-
teiras abertas" para quem quisesse
entrar, mas apenas para os que
quiserem realmente servir ao par-
tido. Ele prometeu também que o
PSDB "terá candidato próprio
às eleições presidenciais".

O senador José Richa disse que
se sentia renascendo politicamente
com o novo partido. "Confesso
que já estava me sentindo enver-
gonhado de ser político", disse
Richa, reclamando do PMDB,
que, segundo ele, não cumpre as
promessas de mudança feitas em
palanque.

O senador Mário Covas, que
subiu à tribuna sob aplausos e
palavras de incentivo à sua can-
didatura à Presidência da Re-
pública, procurou corresponder ao
tom das galerias: "Vamos começar
o nosso grito de guerra: dá-lhe
tucano". Em seguida, disse que
"esperança" será o nome do novo
partido, que paradoxalmente nas-
ce num momento em que "a
sociedade se debate com sua
desesperança e descrença".

Montoro certo do crescimento
"O PSDB é como um rio, que já
nasce com a segurança de que
receberá afluentes cada vez mais
caudalosos". Essa previsão
otimista é do ex-governador de
São Paulo Franco Montoro, um
dos dirigentes do novo partido, que
adiantou uma cronologia das
adesões importantes que o partido
deve receber a curto e médio prazo.

"Em agosto, teremos a Con-
venção do PMDB e certamente
muitos virão para o nosso lado
depois dela/
Montoro apontou essa
cronologia para contestar, após um
longo e irónico sorriso, a advertên-
cia feita por alguns peemedebistas,
inclusive pelo presidente Ulysses
Guimarães, • de que o destino da
dissidência peemedebista poderá
ser o mesmo do extinto Partido
Popular, que foi a reincorporação
ao PMDB.
Bahia e Pernambuco
Um dos Estados onde é
previsível a formação, a médio
prazo, de um forte núcleo do novo
partido é a Bahia,
significativamente um dos poucos
Estados de onde ninguém saiu do
PMDB para integrar-se à nova
sigla. A mesma razão que explica a
atual coesão do PMDB é a que
pode levar à debandada para o
novo partido: a liderança exercida
pelo governador Waldir Pires sobre
os peemedebistas. No momento ele

está empenhado na formação de
uma chapa de centro-esquerda
para disputar o controle do PMDB,
na convenção do partido con-
vocada para o dia 21 de agosto.
Derrotado nesse projeto, o que é
mais provável, a tendência de
Waldir é transferir-se para o
PSDB.

Acompanhariam o governador
baiano, segundo um dos parlamen-
tares mais vinculados a ele, pelo
menos 11 dos 22 deputados
federais do Estado, ficando no
PMD B apenas aqueles com-
prometidos com o "Centrão".-
Caso realmente Waldir Pires
saia do PMDB, isso poderia
levar o governador de Pernam-
buco, Miguel Arraes, a tomar o
mesmo caminho. Arraes, mais do
que Waldir, tem uma inclinação
aliancista para as frentes políticas.
Mas, isolado como liderança de
esquerda dentro do PMDB que
deve emergir da convenção, ele
talvez se sinta sem condições de
permanecer no partido,
especialmente se em outros
Estados também ocorrer, uma
grande evasão dos progressistas.
Saindo Waldir e Arraes, pelo
menos dois outros governadores
identificados como de esquerda —
Max Mauro, do Espírito Santo e
Carlos Bezerra, de Mato Grosso —
também poderão optar pelo novo
partido.

Richa rep patrulhamento

Novo partido já

nasce heterogéneo
Marcondes Sampaio

Para realizar seu projeto
político — uma social-democraciá á
brasileira — o PSDB não chega
a representar uma frente política
tão ampla quanto o PMDB, mas
já nasce sob a marca da
heterogeneidade ideológica que
caracteriza quase todos os par-
tidos do País. O novo partido
abriga desde o ex-secretário-geral
do PFL, Saulo Queiroz, um con-
servador, até a deputada Cristina
Tavares, um dos fundadores <ja
sxtinta "tendência popular" do an-
tigo MDB.

Se há algum divisor, corh-
parado ao PMDB, é a ausência,
entre os fundadores, de represen-
tantes do "Centrão".o grupo mais
à direita em ação na Constituin-
te. Mas, se esse grupo não está
representado, a lista dos que já se
filiaram ou estão a caminho do
PSDB está recheada de políticos
de origem conservadora, inclusive
de alguns que participaram do
movimento de 64, como o senadpr
Afonso Arinos r a deputada Sap-
dra Cavalcanti, indulgenciados
pelo fato de terem acompanhado és
"progressistas" na maioria dós
votos dados na Constituinte.

Sandra, que ainda não se filiou,
continua sendo alvo de resistências
pelo seu passado 4

e

"revolucionária de primeira hora"
mas afirma que se inscreverá lio
novo partido após a convenção do
PFL, marcada para o dia 19 de
julho. Ela lamenta sentir que ;o
PSDB já nasça com as "práticas
fascistas de alguns, que pretendem
recorrer ao instrumento anti-
democrático do veto, da exigência
de carteirinha ideológica".
Vida inteira

Perguntada se sentiria à von-
tade num partido de centro-
esquerda e voltado para um projej,o
social-democrático ela, que antes
era identificada como expressão da
direita, respondeu: "A coisa qúe
fizemos a vida inteira, nós lacer-
distas e udenistas históricos, foi-a
defesa da social-democracia. Nós,
não eles".

"Eles" a que pretendeu se
referir a deputa fluminense são
setores de esquerda que no Rioje
em outros Estados vêem cofn
desagrado a sua adesão. Um dos
mais ardorosos defensores de Safi-
dra é o senador paranaense José
Richa, também de formação corj-
servadora, e que chegou a con-
dicionar a sua filiação < aio
acolhimento do nome da deputada.

Empresário e banqueiro, ^o
deputado Ronaldo César Coelho,
também não vê nenhuma incorri -
patibilidade entre essa condição de
próspero capitalista e a proposta
social-democrata: "A meu ver,ié
perfeitamente cabível a adesão de
um empresário moderno nujn
projeto desses, que não deve s^r
aberto apenas aos retrógrados e aos
conservadores".

Exceto na limitação dos juros
em 12%, Ronaldo César Coelho
acompanhou todas as posições da
esquerda na Constituinte. Ele âe
considera um "reformista, que
deseja uma sociedade mais justai"
e nesse sentido se julga em pé de
igualdade com outros parlamen-
tares considerados progressistas. j
Peculiaridades

O ex-governador de São Paulo,
Franco Montoro, um dos dirigen-
tes do novo partido, e antigo
democrata-cristão, observa que
terão de ser levadas em con-
sideração algumas "peculiaridade, s
brasileiras", e por isso o partido
abrangerá desde os liberais
progressistas, aos socialistas
democráticos, passando pelos
democratas-cristãos. Essa aliança,
conjugada com a pretendida par-
ticipação popular, assegurará,
segundo Montoro, a ênfase ao
social e em especial à integração
das populações marginalizadas no
processo de desenvolvimento.

O ex-ministro da Fazenda,
Bresser Pereira, outro fundador do
partido, também defende o carátér
social-democrático da novía
organização, embora admita qije
ela se ressente, nessa primeira fas£,
de um componente essencial das
sociais-democracias: a base sin-
dical .

O deputado baiano Domingos
Leonelli é cético quando a ess>
evolução da social-democracia já
brasileira. Ele entende que o
modelo é inaplicável no Brasil
porque a social-democracia
Europeia, especialmente, a alemã,
"foi em parte construída em cin(a
da miséria do Terceiro Mundo" e,
diante das disparidades de renda
existentes no Brasil é difícil
chegar-se a uma acomodaçãp
através desse sistema político «
económico. Leonelli vê o novo par-
tido como instrumento qe
setores mais modernos do
capitalismo brasileiro, voltados
para uma pregação antiestatal e
abertos ao capital externo, ainda
que sob controle do governo e da
sociedade.